

# EROTISMO NOS CONTOS DA ESCRITORA ANAÏS NIN

EROTISM ON ANAIS NIN'S TALES

EROTISMO EN LOS CUENTOS DE LA ESCRITORA  
ANAÏS NIN

*Nayra Bianca Costa MENDES\**  
*Algemira de Macedo MENDES\*\**

**Resumo:** Atualmente, o erotismo na literatura produzida por mulheres é uma temática que tem sido bastante discutida, pois sabemos que, por muito tempo, as mulheres não possuíam autonomia sobre seus corpos e muito menos acerca da escrita, sendo, assim, permitidas somente escritas que envolvessem assuntos do lar ou dos filhos. Portanto, a literatura erótica de autoria feminina pode ser compreendida como uma forma de resistência da mulher que transgredir e alcança cada vez mais liberdade na vida e no saber. Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar os contos que foram selecionados da obra **Delta de Vênus: histórias eróticas** (2005), da escritora Anaïs Nin, tendo como base o erotismo numa perspectiva filosófica. O presente estudo traz uma reflexão sobre erotismo e a autoria feminina a partir de teóricos como Bataille (1987), Perrot (2012), entre outros, os quais são basilares para o estudo das temáticas apresentadas.

**Palavras-chave:** Literatura; Erotismo; Autoria feminina; Anaïs Nin.

**Abstract:** Nowadays, the eroticism in the literature produced by women is a topic that has been widely discussed, knowing that for a long time women did not have autonomy over their bodies, much less about writing, so only writings that involved matters of the home or of children. Therefore, erotic literature authored by women can be understood as a form of resistance by women who transgress and achieve more and more freedom in life and knowledge. That said, this work aims to analyze the stories that were selected from the work **Delta de Venus: erotic stories** (2005), by the writer Anaïs Nin, based on eroticism in a philosophical perspective. The present study brings a reflection about eroticism and female authorship, from theorists such as Bataille (1987), Perrot (2012), among others, who are the groundwork to the study of the themes presented.

**Keywords:** Literature; Eroticism; Female authorship; Anaïs Nin.

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Contato: nayra.bianca.7@gmail.com.

\*\* Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Contato: algemiramendes95@gmail.com.

**Resumen:** Actualmente, el erotismo en la literatura producida por mujeres es una temática que ha sido bastante discutida, pues sabemos que por mucho tiempo las mujeres no poseían autonomía sobre sus cuerpos y muchos menos acerca de la escrita, siendo así permitidas solamente escrituras que envolviesen asuntos del lar o de los hijos. Por lo tanto, la literatura erótica de autoría femenina puede ser comprendida como una forma de resistencia de la mujer que transgrede y alcanza cada vez más libertades en la vida y en el saber. Así siendo, este trabajo tiene como objetivo analizar los cuentos que fueron seleccionados de la obra **Delta de Vênus: historias eróticas** (2005), de la escritora Anaïs Nin, teniendo como base el erotismo en una perspectiva filosófica. El presente estudio trae una reflexión sobre erotismo y la autoría femenina, a partir de teóricos como Bataille (1987), Perrot (2012), entre otros, los cuales son capitales para el estudio de las temáticas presentadas.

**Palavras clave:** Literatura; Autoría femenina; Erotismo; Anaïs Nin.

## Introdução

A obra literária **Delta de Vênus: histórias eróticas** (2005), da escritora Anaïs Nin, concentra-se em contos com conteúdos repletos de experiências relacionadas ao corpo, à sexualidade, ao erotismo, entre outros temas. Dessa forma, discutiremos sobre os contos “Lilith” e “Marianne”, nos quais podemos verificar o erotismo presente em uma literatura de autoria feminina.

A partir dos estudos acerca da história das mulheres, conseguimos perceber o modo como o sistema patriarcal se consolidou, sobretudo no ocidente, que oprime as mulheres até a época atual. Acerca dessa história, as pesquisadoras Branca M. Alves e Jaqueline Pitanguy (1985), em **O que é feminismo**, traçam um breve percurso histórico da vivência da mulher na sociedade antiga, medieval e moderna. A partir dessa obra, compreendemos que o silêncio sempre fez parte da existência das mulheres, já que, na Grécia antiga, a mulher ocupava posição equivalente à do escravizado, no sentido de executarem funções desvalorizadas pelo homem livre.

Conforme as autoras, é por esse motivo que, desde a antiguidade, as mulheres eram, comumente, excluídas do conhecimento, havendo, apenas, um registro histórico acerca de um centro de formação intelectual voltado para mulher que foi fundada por Safo que era uma poetisa nascida em Lesbos no ano de 625 a.C.

Diante dessas colocações, atentamos para os obstáculos históricos que acarretaram a entrada tardia das mulheres no universo

literário, considerado espaço nobre e pertencente ao masculino. Portanto, diante de tantas adversidades, refletimos sobre o fato da mulher produzir literatura erótica como uma forma de resistência, em que, através da escrita, ela transgride e consegue alcançar cada vez mais liberdade na vida e no saber.

### **Mulher escrita e a autoria feminina**

De acordo com a historiadora Michelle Perrot (2007), por muito tempo, a mulher já nascia com seu futuro planejado. As mulheres deveriam ser esposas zelosas e dedicadas inteiramente à reprodução do ser humano e à manutenção do lar. Para isto, elas sempre mantiveram seus desejos reprimidos e foram ensinadas para a resignação e a obediência, quer fosse ao pai, quer fosse ao esposo, sendo que seu espaço fora sempre o privado, enquanto que o espaço público pertencia aos homens:

As mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em público é indecente. “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.” Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno (PERROT, 2007, p. 16-17).

A historiadora menciona, ainda, que, durante muito tempo, as mulheres ficaram de fora do relato, pois o relato da história diz respeito ao ambiente público ou aos homens públicos e que a invisibilidade pesa sobre elas e, por isso, são pouco vistas no espaço público. A autora também relembra que as mulheres tiveram acesso tardio à escrita e que, principalmente, na literatura, elas foram imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas e isso as reduziram a estereótipos:

Quanto aos observadores, ou aos cronistas, em sua grande maioria masculinos, a atenção que dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos. E claro que falam das mulheres, mas generalizando.

“As mulheres são...”, “A mulher é...”. A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas. [...] As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas (PERROT, 2007, p. 17).

A partir dessa concepção, há poucos escritos das mulheres, visto que quase não se falavam delas. Consequentemente, são escassos os vestígios deixados por elas, já que seus escritos, às vezes, eram em tom confessional, estimulados pela igreja. Partindo dessa premissa, em que a mulher, frequentemente, possuía um acesso limitado ao conhecimento, percebemos que essa invisibilidade faz parte do processo histórico, social e cultural em que a mulher foi colocada no decorrer do tempo.

Nesse caso, notamos que, durante muito tempo, a mulher foi privada do saber, pois o conhecimento sempre foi utilizado como uma forma de domínio e poder, bem como afirma Norma Telles: “Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder” (TELLES, 2013, p. 401).

Somente a partir das lutas dos movimentos feministas pelo direito aos estudos, para que ocorresse de forma igualitária entre os gêneros, é que a mulher conquista o direito aos estudos e passou a frequentar escolas e universidades, bem como afirma Zinani: “O acesso irrestrito à educação somente se materializou em meados do século XX. Em anos anteriores, não havia preocupação com a educação feminina” (2015, p. 121).

Nesse contexto de luta por direitos e liberdade, as mulheres adentraram em profissões antes tidas como masculinas e alargaram suas perspectivas adentrando, assim, para o âmbito público. Os estudos possibilitaram a elas acesso ao conhecimento, despertando amplas formas de se expressarem e pensarem sobre seu lugar no mundo, bem como através da literatura.

Quanto à literatura produzida por mulheres, a pesquisadora inglesa Elaine Showalter (1985) propõe fazer um percurso da literatura de autoria feminina ao dividir a literatura inglesa em três etapas: a feminina (1840-1880), em que eram repetidos os padrões tradicionais ainda vigentes na sociedade, ou seja, baseados na cultura patriarcal; a feminista (1880-1920), marcada pelo protesto à exclusão, questionamentos de suas próprias condições por parte das mulheres; e, por fim, a fêmea, de 1920, até a atualidade, que eclodiu com a conscientização de sua autorrealização.

Assim, a obra **Delta de Vênus: histórias eróticas** pertence à fase fêmea proposta por Showalter (1985). Nessa fase, a autoria feminina se consolida frente às conquistas do movimento feminista, permitindo, assim, a possibilidade de uma literatura que não reproduz o que a sociedade dita, mas, sim, numa escrita que ocorre de forma mais livre. Logo, ao escrever uma obra permeada de erotismo, a autora participa ativamente de uma fase consciente sobre sua posição e autonomia.

Compreendemos que, numa perspectiva em que as mulheres durante bastante tempo foram vistas como seres que estão ligadas à perdição, ao obscuro, elas não tiveram autonomia sobre sua sexualidade, nem ao erotismo. O próprio filósofo Bataille (1987) afirma isso ao explicar a forma que ocorria, na antiguidade, a relação erótica entre feminino e masculino:

O parceiro feminino do erotismo aparecia como a vítima, o masculino como o sacrificador, um e outro, durante a consumação, se perdendo na continuidade estabelecida por um ato inicial de destruição (BATAILLE, 1987, p. 13).

Diante disso, notamos que a mulher não possui posição primordial no âmbito sexual e erótico. As mulheres são impostas a assumirem um lugar de submissão, já que, como o próprio autor afirma, ela possui papel secundário e é anulada em um processo de dissolução dos seres:

No movimento de dissolução dos seres, a parte masculina tem, em princípio, um papel ativo, enquanto a parte feminina é passiva. É essencialmente a parte passiva, feminina, que é dissolvida enquanto ser constituído (BATAILLE, 1987, p. 14).

A partir dessas colocações, constatamos que foi um longo processo para que a mulher escritora conquistasse espaço no meio literário, assim como para que a personagem feminina representasse autonomia e não fosse apenas uma espécie de idealização do imaginário do homem, pois, conforme Brandão:

A personagem feminina construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. [...] É, antes, um produto de

um sonho alheio e aí ela circula, nesse espaço privilegiado que a ficção torna possível. (BRANDÃO, 2004, p. 11).

Isso posto, atentamos para o fato de compreendermos a produção literária das mulheres sobre os diferentes temas, sobretudo sexualidade, corpo e erotismo, numa forma de luta e conquista, demonstrando o avanço e a consolidação da literatura de autoria feminina na atualidade.

## **A escrita erótica de Anaís Nin**

Ao se pensar o termo erotismo, automaticamente, existe um vínculo no imaginário coletivo associado ao ato sexual em si, sem demasiada pretensão, talvez isso ocorra por ser uma expressão que se encontra bastante presente na atualidade e que, por vezes, se confunde com outros vocábulos que estão situados no universo da sexualidade humana.

Acerca dos estudos sobre erotismo, o filósofo Bataille propõe pensar a diferença entre o erotismo e o ato sexual, já que, frequentemente, o sexual e o erótico são vistos como sinônimos e carregam consigo imagens equivocadas. O autor trata, ainda, sobre os tipos de erotismo, continuidade e descontinuidade, entre outras questões que são imprescindíveis para refletir sobre tal temática.

Para pensar erotismo, Bataille (1987) afirma que o erotismo se diferencia da atividade sexual, visto que o ato erótico tem a ver com uma busca psicológica do indivíduo e independe do fim comumente atribuído, tal como a reprodução. Reitera, ainda, que a atividade erótica seja algo, supostamente, conferido aos humanos. Percebemos que, para o autor, apesar de humanos e animais serem seres sexuais, apenas ao sujeito é atribuído o ato erótico, já que somente o ser humano alcança essa busca, pois visa à atividade sexual em ato erótico através da sua interiorização:

O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente no ponto em que ele põe a vida interior em questão. **O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão.** A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio e este desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nele nada se

abre que se assemelhe com uma questão (BATAILLE, 1987, p. 20, grifo do autor).

Conforme Paz (1994), a diferença entre erotismo e sexualidade é necessária para que o erotismo não perca sua importância quando contraposto à sexualidade. Logo, “o erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético (PAZ, 1994, p. 12).

Bataille (1987) propõe três maneiras de pensar o erotismo, sendo o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O autor, durante sua obra, oferece mais explicações acerca do erotismo sagrado:

É fácil perceber o que o erotismo dos corpos ou o dos corações designa, mas a idéia de erotismo sagrado nos é menos familiar. A expressão é, aliás, ambígua, na medida em que todo erotismo é sagrado (BATAILLE, 1987, p. 15).

A partir dos estudos de Bataille (1987), constata-se que o erotismo dos corpos é aquele mais fácil de identificar, já que a própria nomenclatura nos faz deduzir que se trata do erotismo voltado para a materialidade, logo, é o mais perceptível: “O erotismo dos corpos tem de qualquer maneira algo de pesado, de sinistro. Ele guarda a descontinuidade individual, e isto é sempre um pouco no sentido de um egoísmo cínico” (BATAILLE, 1987, p. 15). Dentro dessa perspectiva do filósofo, analisamos os contos Lilith e Marianne, buscando empreender a forma erótica mais nítida nos contos.

No início do conto, intitulado Lilith, a personagem é descrita como uma mulher que não conhece os prazeres sexuais: “Lilith era sexualmente fria, e seu marido sabia disso parcialmente, apesar dos fingimentos dela” (NIN, 2005, p. 76), apesar de percebermos, no decorrer da narrativa, que era o companheiro da personagem que não sabia lidar com os desejos da mulher:

Talvez se ele tivesse aceitado os desafios e jogado os jogos que ela gostava, talvez então ela tivesse sentido a presença dele com um impacto físico maior. Mas o marido de Lilith não conhecia os prelúdios do desejo sexual, não conhecia nenhum dos estimulantes que certas naturezas selvagens requerem, e, por isso, em vez de responder tão

logo via a esposa ficar elétrica, com o rosto mais lívido, os olhos relampejantes, o corpo inquieto e aos troncos como um cavalo de corrida, ele recuava para trás [...]. Quando ela esbravejava e sua temperatura subia, o marido não era visto em lugar nenhum (NIN, 2005, p. 76-77).

O conto desenvolve-se a partir de um incidente, quando o esposo de Lilith resolve lhe dar uma espécie de afrodisíaco e ela fica insegura, pois tinha combinado de encontrar com sua amiga, Mabel, para irem ao cinema. Lilith decide ir com a amiga, mas não conseguia se concentrar no filme, já que sua imaginação fluía e ela se incomodou pensando que seria efeito do afrodisíaco. De repente, começou a imaginar como seria tocar uma mulher: “Às vezes pensava consigo mesma como deveria ser maravilhoso acariciar uma mulher” (NIN, 2005, p. 79). É possível observar que imaginou o corpo de sua amiga, Mabel, no entanto, ela pensou que aquilo não tinha nada a ver com as pílulas, já que “entre suas pernas não havia um calor de natureza tal que a levasse a perder o controle e estender a mão na direção de Mabel” (NIN, 2005, p. 79).

Além do mais, quando Lilith chegou em casa não quis confessar ao esposo que não fora afetada pelas pílulas, então, resolveu fingir, porém, seu marido, percebendo, não quis nada com ela aquela noite. No dia seguinte, o esposo, ao ver o desespero estampado na face de Lilith, confessou que tinha lhe pregado uma peça, que as pílulas não eram afrodisíacas. Mesmo assim, Lilith ficou obcecada com a ideia de usar algum afrodisíaco: “Lilith tinha ouvido falar de umas bolinhas que eram usadas como afrodisíacas nas Índias Orientais”, então, ela passou a imaginar como seria a sensação de ter aquelas bolinhas dentro de si, mas não sabia onde comprá-las: “Lilith gostaria de encontrar uma e mantê-la dentro de si dia e noite” (NIN, 2005, p. 83).

Dessa forma, percebemos que o conto problematiza diversas questões como, por exemplo, não se estruturar em relações binárias comumente atribuídas em que a mulher é submissa e amena e o homem o dominador. Ao imaginar cenas eróticas, a personagem busca no outro a sua própria totalidade, bem como a continuidade proposta por Bataille (1987), ao afirmar que somos seres descontínuos em busca da continuidade.

Por sua vez, o conto Marianne, logo no início, nos faz lembrar o fazer da própria escritora, Anaís Nin, pois a narradora diz estar



escrevendo literatura erótica para um colecionador, visto que isso, de fato, aconteceu na vida da autora: “Posso me intitular cafetina de uma casa de prostituição literária, cafetina de um grupo de escritores famintos que produzem erótica para vender para um “coleccionador”” (NIN, 2005, p. 84).

O conto relata a história de Marianne, uma jovem pintora que também datilografava durante a noite para ganhar mais dinheiro. A narradora descreve Marianne fisicamente como uma pessoa que “tinha uma aréola de cabelos dourados, olhos azuis, rosto redondo, seios fartos e firmes” (NIN, 2005, p. 84) e, também, a retrata como uma mulher que já teve muitas aventuras sexuais. Assim como em *Lilith*, Marianne é tida como uma mulher fria.

Marianne começou a escrever sobre suas experiências sexuais e, em uma delas, ela descreve um fato interessante que aconteceu quando um homem chamado Fred lhe pediu que fizesse um desenho realista dele nu e ela concordara, mas, ao começar o desenho, Marianne ficou cada vez mais obcecada pelo homem. No decorrer do conto, percebemos que Fred gostava de ser observado e, só assim, sentia prazer, enquanto Marianne gostava de violência e tinha imaginações com o rapaz: “quanto mais passivo e introvertido ele era, mais ela queria violência” (NIN, 2005, p. 89).

Como ele não sentia vontade de tocá-la, ela ficava na vontade, com o desejo não atendido, e, quando descobre que Fred apenas sentia prazer sendo observado, se revolta contra ele e eles tem uma briga. Após a descoberta disso:

Marianne se enfureceu. Rasgou os desenhos dele como se quisesse rasgar a imagem dele de seus olhos, a imagem do corpo dourado, liso, perfeito.[...] O incidente começou a separá-los. Era como se, quanto mais prazer ela lhe desse, mais ele sucumbisse ao vício e o perseguisse incessantemente (NIN, 2005, p. 95).

A narradora encerra o conto afirmando que Marianne “ficou sozinha de novo a datilografar nossas histórias eróticas” (NIN, 2005, p. 95). Logo, percebemos que Marianne é uma jovem diferente de outras descritas na literatura, visto que mulheres são tidas enquanto seres angelicais ou demoníacas, sempre numa perspectiva extrema. Todavia, Marianne possui desejos violentos, o que seria comumente atribuído a um homem, pois mulher não poderia ser decrita de tal forma.

Diante disso, percebemos que o erotismo, presente nos contos analisados, refere-se ao erotismo dos corpos, já que, para o Bataille (1987), a base do erotismo dos corpos é a perda da racionalidade, quando o homem deixa a sexualidade envergonhada e retorna à sexualidade animal. E, em vários trechos, encontramos a descrição que comprova tal afirmativa, como em Lilith:

Se ele, como um animal igualmente primitivo, tivesse aparecido na outra extremidade daquele deserto, encarando-a com a mesma tensão elétrica de cabelo, pele e olhos, se tivesse aparecido com o mesmo corpo selvagem, abrindo caminho à força pesadamente e querendo algum pretexto para saltar, abraçar com fúria, sentir o calor e a força do oponente, então poderiam ter rolado juntos, e as mordidas poderiam ter se tornado de outro tipo, e o bote poderia ter se tornado um enlace, e os puxões de cabelo poderiam ter juntado bocas, juntado dentes, juntado línguas. E a partir da fúria os genitais poderiam ter roçado um no outro, emitindo fagulhas, e os dois corpos teriam entrado um no outro para dar fim àquela formidável tensão (NIN, 2005, p. 77).

Diante do fragmento, foi possível perceber que Lilith é descrita como fria, assim como Marianne, porém, quando lemos, observamos que a causa de tal frieza é por não possuírem seus desejos sexuais atendidos. Com a percepção acima, fica nítido constatar que as duas personagens femininas descritas nos contos analisados são retratadas como seres que possuem vontades, desejos, sendo eles reprimidos, ou não, mas que possuem voz para que sejam narradas as suas vontades.

### **Considerações finais**

A partir da análise, foi possível compreender que, por muito tempo, as mulheres foram silenciadas das diversas formas possíveis e a sua produção literária passou por um apagamento histórico. Assim, graças às inúmeras lutas das mulheres, elas conseguiram conquistar o acesso à educação e passaram a produzir cada vez mais temas variados.

Diante do exposto, constatamos que a sexualidade sempre foi vista na sociedade ocidental de forma restrita ou proibida, ligada ao libertino. Nesse sentido, a sentença acerca da sexualidade feminina foi ainda mais forte, visto que, historicamente, sabemos que esteve atrelada ao inadequado, que não deve ser explorada, muito menos comentada.

De todo modo, as mulheres são alvo de preconceito quando o assunto é a representação da sua sexualidade, levando em consideração que, quando há a proposta de tratarem sobre o assunto, lidam de forma manipulada.

Ao escrever e publicar, a escritora Anaïs Nin colaborou significativamente com a literatura de autoria feminina, pois desenvolveu diversos temas em sua escrita, principalmente o erotismo, que é um tema visto como pervertido e que não poderia ser escrito ou lido por mulheres.

Nos contos analisados, ressaltam-se aspectos relacionados à continuidade e ao erotismo dos corpos, já que, para o autor, a base do erotismo dos corpos é a perda da racionalidade, quando o homem deixa a sexualidade envergonhada e retorna à sexualidade animal e em vários trechos encontramos a descrição que comprova tal afirmativa.

Portanto, o presente trabalho buscou apresentar uma breve análise dos contos Lilith e Marianne, da escritora Anaïs Nin. Para isto, os contos foram, aqui, analisados tomando como objetivo principal compreender como se apresenta o erotismo nos contos da escritora. Em tais contos, pudemos observar como se articula o erotismo em uma literatura produzida por uma mulher. Logo, constatamos que escrever sobre erotismo pode ser compreendido como uma forma de resistência da mulher, visto que, conforme já mencionado, as mulheres não podiam escrever sobre o que tinham vontade, e escrever sobre sua sexualidade e erotismo corresponde a um resultado das constantes lutas em prol de liberdade e igualdade entre os gêneros.

## Referências

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 44).

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANDÃO, Ruth Silvano. A mulher escrita. In: BRANCO, Lucia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silvano (Org.). **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2004. p. 10-82.

NIN, Anaís. **Delta de Vênus**: histórias eróticas. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&P, 2005.

PAZ, Octavio. **A dupla chama**: amor e erotismo. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela Correa. São Paulo: Contexto, 2007.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 401-442.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Estudos culturais de gênero e história da literatura. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos (Org.). **A mulher na história da literatura**. Caxias do Sul, RS: Educus, 2015. p. 119-130.

*Recebido em: 29 de agosto de 2020*

*Aceito em: 03 de novembro de 2020*